

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Dezembro de 2008

ECOS DE HERÓDOTO E PLUTARCO NO FILME *300* DE ZACK SNYDER

As últimas décadas assistiram a um renascimento dos estudos herodotianos entre a comunidade acadêmica. A adaptação cinematográfica dos *300*, de Frank Miller, por Zack Snyder chegou assim, em boa hora. Fiel à banda desenhada original, o realizador recria algumas das personagens e cenas mais icónicas das *Histórias*.

É nossa intenção abordar neste pequeno estudo o encontro entre Xerxes e Leónidas, nas Termópilas, à luz das obras de Heródoto e Plutarco (*Sol.* 27), que recria um dos passos mais famosos das *Histórias* (1. 30-33), a visita de Sólon a Cresos, em Sárdis.

Após as primeiras escaramuças entre persas e espartanos, no desfiladeiro, a resistência encarniçada destes diverte e desperta a curiosidade do Grande Rei de conhecer aquela «tribo fascinante». Procura Leónidas na esperança de o atrair para a sua causa. Quer as fontes quer o filme apresentam-nos dois mundos totalmente opostos.

Leónidas avança com os seus guerreiros para as Termópilas em defesa da sua cidade e da liberdade que conheciam e consideravam sua. Representantes do ideal celebrado por Tirteu na sua poesia, glorificavam a morte em combate, nas primeiras linhas de batalha, enfrentando os inimigos ao lado dos companheiros, garantia de uma imortalidade para si e para os seus descendentes para todo o sempre. Apenas estes de «coragem valorosa» mereciam ser celebrados (Fr. 9 Diehl, 11). Se escapassem aos perigos da batalha esperava-os o respeito e veneração dos seus concidadãos, enquanto para os cobardes apenas lhes restava o exílio, para o qual eram empurrados com a família para vaguearem sem destino (Fr. 6-7 Diehl). Dílio relembra-nos, ao longo do filme, que faziam o que «tinham sido treinados para fazer, para o que tinham nascido» e a sua mensagem encontra eco no epitáfio que Simónides lhes dedicou após a batalha: «Estrangeiro, vai contar aos Lacedemónios que jazemos aqui, por obedecermos às suas normas» (Fr. 92 Diehl)

Xerxes, pelo contrário, convencido do seu estatuto divino e apoiado pelo exército monstruoso que o seguiu desde os confins do seu império, não

compreende os motivos que levam Leónidas a tentar enfrentá-lo. Ao contrário do jovem rei, descrito por Heródoto, inseguro ainda no seu trono, demasiado consciente da pesada herança recebida dos monarcas anteriores (Hdt. 7. 8) e, rodeado também de maus conselheiros, como Mardónio, que o encoraja a lançar a expedição contra a Grécia, na esperança de ser nomeado seu governador (Hdt. 7. 6), Miller/Snyder constroem um tirano que lança os seus homens sobre a Grécia movido por uma ânsia insaciável de poder e conquista, indiferente às perdas que lhe são infligidas. Estamos já muito distantes do homem que tenta recuar, alertado pelos avisos de Artabano, para o desastre que a expedição contra a Grécia poderia representar, mas é forçado por uma divindade a continuar com os planos iniciais (Hdt. 7. 12-19).

A forma como se apresenta perante os espartanos e espectadores leva-nos uma vez mais a mergulhar nas fontes gregas, onde é perceptível que a construção da figura do Grande Rei se baseou em grande medida na descrição que Plutarco nos legou de Cresos (*Sol.* 27. 3-4): «Coberto de pedrarias, de vestes coloridas, de artísticos ornamentos de ouro, de todo o atavio que possuía e considerava distinto, magnífico e invejável, de forma a que a sua contemplação fosse de todos o espectáculo mais venerável e variegado».

Numa postura que oscila entre a demagogia e o aristotelismo com que encara os Espartanos, oferece a Leónidas riquezas inumeráveis e a nomeação de «senhor da guerra de toda a Grécia» e a honra de levar o seu estandarte ao coração da Europa. Se se submetesse à sua autoridade, teria ainda os rivais atenienses aos seus pés. Sabe que os bárbaros têm uma índole mais servil que os gregos e toleram por isso melhor o despotismo autoritário dos seus governantes (Arist., *Pol.* 1285 B 20) e aconselha por isso o monarca espartano a utilizar a lógica, tão valorizada pelos helenos, para analisar a situação em que se encontra, uma vez que tem tudo a ganhar em se aliar a ele e tudo a perder se insistir em continuar a luta contra os Persas. O seu pequeno discurso retoma a mensagem com que o arauto havia chegado a Esparta no início do filme e, em simultâneo apresenta muitas semelhanças com a tentativa por parte de Aristágoras de Mileto, aquando da primeira revolta dos Jónios, de tentar convencer Cleómenes, rei que à época governava Esparta, a embarcar numa expedição contra a Pérsia, enumerando as riquezas que se ocultavam na capital, Susa. Ao descobrir que Susa se localizava a mais de três meses de viagem da costa, Cleómenes negou-lhe o seu apoio e ordenou

que abandonasse a cidade (Hdt. 5. 50), pois apesar do seu carácter militarista, não era um estado expansionista¹.

O discurso de Xerxes segue fielmente o relato dos *Moralia* (225C-D), com a diferença que Plutarco nos diz que ambos os soberanos trocaram entre si algumas missivas. A resposta do rei espartano mostra claramente a influência de Heródoto e das suas *Histórias* na construção do imaginário das guerras medo-persas. Leónidas, rei de uma cidade nas franjas do império persa, diz-lhe que se «tivesse algum conhecimento das coisas nobres da vida, iria refrear-se de cobiçar possessões alheias». A sua resposta aproxima-o uma vez mais dos avisos que Sólon faz ao seu anfitrião em Sárdis: «Aos helenos, rei dos Lídios, concedeu o deus em tudo observar a justa medida e a esta moderação devemos uma sabedoria prudente -como convém e plebeia, não real ou resplandecente» (*Sol.* 27. 8-9) e transforma-o no conselheiro prudente e avisado, personagem central na obra herodotiana. Leónidas assume aqui o papel que Demarato desempenhou nas *Histórias*. Perante as várias perguntas que lhe vão sendo feitas por um Xerxes incrédulo, sobre os preparativos para a batalha feitos pelos Lacedemónios, comenta simplesmente que são os melhores combatentes colectivos e, apesar de serem livres, não o são totalmente, pois obedecem à lei, a qual temem acima de tudo, e que lhes ordena para nunca retirarem, manter as posições, morrer em combate ou vencer (Hdt. 7. 104).

A sua reacção é em tudo semelhante à do rei etíope espiado pelos Ictiófagos ao serviço de Cambises. Apercebendo-se das verdadeiras intenções dos embaixadores, aquando da entrega dos presentes diplomáticos, confia-lhes um aviso para o rei persa, que também não considera um homem íntegro, se o fosse não desejava uma terra que não é sua nem escravizar um povo de quem não recebeu agravo. Entrega-lhes ainda um arco e aconselha Cambises a atacá-lo quando os Persas souberem manejar arcos semelhantes e a dar graças por os Etíopes não serem um povo expansionista que cobiça outros territórios (Hdt. 3. 21).

¹ Em ambas as situações persiste a incompreensão do modo, muito próprio, de ser dos espartanos, mas nos *Moralia* (235B), Plutarco deixou-nos um passo onde regista a resposta dada por um espartano a Filipe da Macedónia, quando este lhe perguntou o que iriam fazer, agora que o seu território tinha sido invadido. «Que mais podemos fazer, senão morrer como homens? De todos os Gregos, apenas nós aprendemos a ser livres e a não nos submetermos a outros» foi a fleumática resposta obtida.

Para ambos os monarcas, o imperialismo «híbrido» dos Persas é incompreensível. Conquistam e reduzem à escravatura diferentes povos, não porque tenham sofrido da sua parte algum agravo, mas simplesmente para que as suas fronteiras alcançassem o domínio de Zeus e o sol só brilhasse sobre território persa (Hdt. 7. 8-9).

Para ele é melhor morrer pela Grécia do que ser o único senhor de todos os gregos. E este anseio iguala-o a outra personagem herodotiana, Telo de Atenas, o primeiro exemplo que Sólon apresenta a Cresos como um homem feliz (1. 30). Depois de uma boa existência, de ter conhecido a sua descendência, este ateniense perdeu a vida a defender a cidade e recebeu dos seus concidadãos grandes honras.

Enfurecido com a recusa espartana de submissão, Xerxes revela-lhe qual o destino que o aguarda a ela e ao seu povo, depois da derrota grega. Esparta seria arrasada e os habitantes escravizados. A memória da cidade será apagada da História e todos os documentos sobre ela queimados. Todos os historiadores e escribas gregos teriam as línguas cortadas e os olhos vazados. Até o murmúrio do nome de Esparta ou Leónidas será punível com a morte. O mundo nunca saberá da sua existência. Esta ameaça é semelhante ao oráculo que Mileto recebeu de Delfos, e onde Apolo anuncia aos habitantes desta cidade jónica o destino que os aguarda às mãos dos persas (Hdt. 6. 19).

Na prática trata-se de uma *damnatio memoriae*, que evoca de imediato o Prólogo das *Histórias* de Heródoto, escritas algumas décadas depois da batalha: «para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos helenos quer pelos bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros».

Perante estas palavras, facilmente se percebe, e ao contrário das muitas críticas recebidas pelo filme de Snyder, *300* não é um filme sobre o «Outro»; é, acima de tudo, sobre nós, enquanto descendentes distantes dos homens que lutaram e deram a vida por uma ideia que acreditavam justa e cuja pervivência na nossa memória colectiva começou logo a seguir à batalha. E neste aspecto, Zack Snyder revelou-se um digno sucessor de Simónides, Heródoto ou Plutarco, entre tantos outros, ao lembrar às gerações vindouras o legado que sobrevive na literatura grega.

NÍDIA CATORZE SANTOS